

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Para lá de Bagdá

Berlim é uma cidade onde o novo e o velho se confrontam constantemente. Esta característica é comum em cidades europeias destruídas nas grandes guerras. Isto se intensifica em Berlim Leste, com a construção do Muro em 1961, ano em que a cidade foi dividida. Berlim Ocidental ficou ilhada e a porção oriental, congelada no tempo. No período da República Democrática Alemã, os comunistas pareciam não estar preocupados com a estética urbana. Com a queda do Muro de Berlim, há mais de 20 anos, e a abertura dos países da “cortina de ferro”, as ruínas urbanas passam a agregar valor ao turismo histórico, e prédios como o edifício Tacheles (mencionado aqui na última coluna) começam a figurar nos guias da cidade. No entanto, ainda existem muitos prédios em ruínas desocupados em Berlim, estejam eles na área central, espalhados por bairros não muito distantes ou pelos arredores da capital.

A antiga Embaixada do Iraque, na ex-Berlim Oriental, é um desses lugares. E foi depois de uma visita recente a esta casa que decidi voltar ao fascinante tema. Ouço falar de exploradores urbanos e de eventos que eles organizam como sessões de filmes às escondidas, chamadas de “Hit & run Kino”. As pessoas se encontram em local indicado pelos organizadores e, como a atividade é ilegal, só se descobre exatamente aonde se está indo ao chegar lá. O ingresso custa € 5 e dá direito a assento em cadeira de plástico, uma bebida (vinho ou cerveja) e um pacotinho de amendoim. O tema do filme, apresentado em DVD, é relacionado ao local da exibição. A divulgação é feita em cima da hora. Ainda não fui, mas posso imaginar que a aventura requer preparo físico, pois a polícia pode aparecer a qualquer minuto.

Semana passada, vivi experiência emocionante. Fui com uma amiga “explorar” a casa onde funcionou a Embaixada do Iraque de 1974 a 1990. As instalações da mansão de arquitetura modernista dos anos 1970 foram abandonadas ao final da Guerra do Golfo, em 1991, e a impressão que dava, segundo os que estiveram lá nos primeiros anos, é que todos os funcionários tinham saído às pressas. Hoje restam apenas alguns indícios de um lugar que vem sendo saqueado há 20 anos. É empolgante e deprimente ao mesmo tempo. É triste estar em um lugar decadente e cheio de relíquias de um, ou melhor, dois regimes superados.

A antiga Embaixada do Iraque na RDA, no distrito diplomático Pankow, é um caso impressionante. Uma cápsula do tempo com restos de móveis (escrivainhas, cadeiras, poltronas, sofás, prateleiras), quinquilharia de escritório tipo máquinas de datilografar, pastas, arquivos, documentos e livros que ninguém mais quer ler — tudo jogado no chão, como se tivesse acontecido um terremoto. Quem é o dono disso tudo e por que não há interesse no local? Houve um incêndio na casa em 2003 que serviu para acumular ainda mais entulho. Ninguém fez queixa, nenhum seguro foi acionado. O órgão público que representa imóveis diplomáticos na Alemanha afirma que o terreno é do governo alemão, e a casa, do governo do Iraque, que tem direito de utilização do terreno por prazo indeterminado. Os responsáveis pelo prédio seriam, portanto, os iraquianos. Só que a atual Embaixa-

da do Iraque em Berlim não quer saber do assunto. Cada vez mais degradada e saqueada, a casa está entregue à própria sorte.

Neste dia em que estive lá para conferir a situação do imóvel, nos deparamos com cadeados e faixas de isolamento. Nada que impeça *off-partys* e visitas ilegais de turistas de ruínas. As inúmeras garrafas vazias testemunham essa movimentação. Incorporamos o espírito dos exploradores urbanos e pulamos a cerca com o coração batendo forte, afinal, estávamos cruzando a fronteira de um território desconhecido, frequentado por curiosos como nós, caçadores de suvenires e exploradores profissionais. Infelizmente há também quem vá ao local com o intuito de depredá-lo ainda mais.

A embaixada já foi locação de filmes e videoclipes e, em 2010, virou tema de uma obra de arte, uma revista criada pelos artistas Sophie-Therese Trenka-Dalton e Hannes Schmidt. Usando a embaixada como ponto de partida, a dupla desenvolveu um trabalho que mistura turismo histórico, ar-

A antiga  
Embaixada do  
Iraque na RDA  
é um caso  
impressionante.  
Uma cápsula  
do tempo

queologia, apelo visual e política mundial. Em vez de conceber o projeto como exposição, os artistas transformaram o material em revista. “The distance narrows” não é uma reportagem artística com fotos da embaixada. Sophie-

Therese e Hannes fizeram uma colagem de memorabilia gráfica, material burocrático e de propaganda, mapas das fontes de petróleo, de plantações de tâmaras e de sítios arqueológicos do país. Em entrevista à revista alemã “Spex”, em março, Hannes Schmidt declarou: “Não queríamos nos apropriar do lugar e objetivá-lo, mas sim tentar usá-lo como ponto de partida e ver como se pode ir além dali.”

O Iraque foi a primeira nação não socialista a reconhecer diplomaticamente a Alemanha Oriental, em 1969. Os dois países tiveram boas relações. Muitos estudantes vinham para cá estudar principalmente Matemática, Química e Engenharia Mecânica. Além disso, os acordos bilaterais entre os países envolviam o comércio de armas e logística militar.

Este prédio carrega dentro de si muitos capítulos da História recente de Berlim e a sombra de um Iraque que já não existe. É inacreditável a quantidade de documentos e registros abandonados. Tudo leva a crer que o prédio vai ficar do jeito que está até que um dia desmorone de vez.

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso